

Universidade Federal de Campina Grande
Disciplina: Informática e Sociedade
Professor: Robert Menezes
Curso: Ciência da Computação
Aluno1: Cilas Medeiros de Farias Marques
Aluno2: Brenno Harten Pinto Coelho Florêncio

F5 - Resumo capítulo 5 - Freire

Texto: Crise da representação e reprodutibilidade técnica.

O capítulo 5 “Crise da representação e reprodutibilidade técnica” do livro de Paulo Freire, trata sobre como a Segunda Revolução Industrial, período o qual se enquadram os avanços da industrialização iniciados no século XVIII e as decorrentes mudanças nos processos de produção, circulação e consumo de mercadorias, foi responsável por um grande avanço no desenvolvimento dos meios de comunicação. Com isso, o autor discute o movimento de arte moderna e seus impactos na sociedade, ressaltando os processos e as transformações ocasionadas pelas formas de produção e consumo da mídia.

É importante entender como as transformações sofridas pela revolução industrial no século XIX, e pela revolução francesa no século XVIII, serviram como plano de fundo para grandes mudanças em torno de todas as áreas da sociedade. Assim, influenciando diretamente no declínio dos artesãos, devido os novos métodos de produção em massa, e na crise proletariado urbano, que tinha como fonte de sustento, apenas sua força de trabalho. Isso resultou em uma série de transformações sociais, como o início de uma era em busca de capital, e a inversão da base econômica, que emergiram junto à ascensão do inconsciente freudiano, e consequentemente, à reestruturação da arte, afinal, é difícil imaginar que, em um ambiente inserido na velocidade, na volatilidade e na globalização das relações, a arte permaneceria intacta e indiferente.

Dessa maneira, a partir de 1914, novas formas de expressar arte foram surgindo, ganhando e dando espaço a diversas outras. À exemplo disso temos, o cubismo, o expressionismo, o abstracionismo puro na pintura, o funcionalismo, a ausência de ornamentos na arquitetura, o surrealismo e o construtivismo, todos como novas maneiras de expressão artística. Além da perspectiva geométrica como sistema ideal de representação, como é o caso do “quattrocento renascentista” da Itália no século XV e de outras culturas que também mudaram seu padrão artístico, mesmo não tendo códigos de representação segundo as leis da perspectiva, como foi o caso das culturas pré-colombiana, japonesa, e do extremo oriente.

Contudo, é inegável que nesse período, a reprodutibilidade da obra de arte se desprende da teologia artística, da sua percepção como objeto de devoção. Afinal, o pensamento sobre arte passa a não se trata mais de questionar se algo é arte ou não, mas sim, de reconhecer que existe algo em uma obra que impõe uma visão, considerada artística de alguém. Assim, o conceito de arte vai tomando uma nova forma, e começa a se tornar algo lúdico e libertário, algo que não limita a expressão das pessoas, um processo que se dá a partir da percepção, com o intuito de expressar emoções e ideias, objetivando um significado único e diferente para cada obra.

À vista disso, a reprodutibilidade técnica da obra de arte, algo que se estende a toda produção e difusão cultural a partir das mais variadas técnicas, diz respeito a novas formas de percepção da arte frente à sociedade. Assim, junto ao avanço tecnológico, cada vez mais as massas populares passaram a desejar a aproximação e identificação dos produtos culturais entre si. Desse modo, a utilização das artes midiáticas nesse meio, adequou-se não só à população, mas também, a todo o sistema global, desde o entretenimento, até a manipulação do mercado e das massas.

É notório que a criação das imagens digitalizadas, teve sua influência direta na propagação da arte como fonte de mercado e manipulação. Ademais a utilização das mídias não mostrou-se apenas como resultado de uma mera questão de modernização. No decorrer da contemporaneidade, essa arte firmou-se em dois planos: o do recolhimento da concentração, a chamada recepção ótica, e o da distração, chamada de recepção tátil. Onde, com a gradual ascensão da distração, a mídia acabou se tornando muito mais que um produto para a sociedade, fazendo-se também, um veículo de alienação, manipulação e distração sociocultural.

Todavia, a era da velocidade traz ainda novas formas de comunicação e de relação com a cultura, configuradas a partir da reprodutibilidade técnica das obras de arte, “educam” o sujeito para uma outra forma de percepção, a distração socialmente necessária, ou seja, a decadência da concentração é um fato do mundo do trabalho e da cultura. Afinal, a vivência do operário com a máquina, as experiências das grandes guerras, a instabilidade econômica e emocional gerada pela inflação são exemplos concretos e objetivos que explicam as novas formas de percepção, e por isso mesmo, são, junto com a produção artística, a matéria-prima da estética enquanto teoria da mídia.

Por fim, tais formas de produção e percepção estéticas, foram sendo remodeladas no que diz respeito à sua efemeridade, que, apesar de inconcebível num conceito tradicional de arte, está presente nos artifícios artísticos que se apoiavam totalmente na ideia da duração. Dessa forma, a permanência da obra de arte, o que significa uma correspondência com a tradição, é um conceito externo à arte. Afinal, a arte não é permanente ou efêmera em si mesma, esses conceitos são atribuídos a ela por causa da relação estabelecida historicamente com a tradição humana, e não por ser um aspecto de uma inovação tecnológico-estética.